

MARIA PEREGRINA DE SOUSA ESCREVE NO ÍRIS

Prof^a. Dr^a Ana Cristina Comandulli
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

RESUMO: Maria Peregrina de Sousa nasceu no Porto em 13 de fevereiro de 1809. O nome de batismo era simplesmente Maria de Sousa, recebendo o acréscimo de Peregrina por seu tio, em função de todas as mudanças que sua família fez pelos arredores do Porto quando da invasão francesa em Portugal. Foi, em meio às turbulências da vida, que Peregrina deu início aos seus escritos, e o seu primeiro poema foi enviado ao *Arquivo Pitoresco*. Em seguida, passou a publicar na *Revista Universal Lisbonense*, com o pseudônimo de “Uma Obscura Portuense”, uma série de escritos sobre crenças e superstições do Minho. O pseudônimo e o cariz dos escritos deixaram curiosa toda a gente, incluindo o próprio redator da *Revista*, António Feliciano de Castilho, que declarou ter conseguido desvendar a identidade da escritora do Porto. Amigos, passou Castilho a exercer forte influência em Peregrina. Foi Castilho que levou Peregrina a publicar no Jornal *Iris*, do Rio de Janeiro, cujo redator era José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. O que se pretende neste texto é discutir a participação de Maria Peregrina de Sousa, escritora portuguesa, no periódico brasileiro *Iris*.

PALAVRAS-CHAVE: António Feliciano de Castilho, Maria Peregrina de Sousa, escrita feminina, *Íris*

ABSTRACT: Maria Peregrina de Sousa was born in Porto, on February 13th 1809. The first name was simply Maria de Sousa, having the Peregrina added by his uncle, because of all the changes that her family had made around Porto during the French invasion of Portugal. It was amidst the turmoil of life that Peregrina began her writings, and her first poem was sent to the *Arquivo Pitoresco*. Then, she began to publish in the *Revista Universal Lisbonense*, under the pseudonym "Uma Obscura Portuense", a series of writings on beliefs and superstitions of Minho. The nickname and the nature of the writings left everybody curious, including the editor of the Journal, António Feliciano de Castilho, who claimed to have been able to unravel the identity of the writer from Porto. Friends, Castilho had a strong influence on Peregrina. Castilho led Peregrina to publish in the journal *Iris*, in Rio de Janeiro, whose editor was besides him, Barreto and Noronha. The aim in this paper is to discuss the participation of Maria Peregrina de Sousa, a Portuguese writer in the periodical *Iris*.

KEYWORDS: António Feliciano de Castilho, Maria Peregrina de Sousa, female writing, *Íris*

Enquanto redigia a *Revista Universal Lisbonense*, António Feliciano de Castilho passou a receber, e publicar, uma série de artigos sobre crenças e superstições do Minho, assinados por “Uma Obscura Portuense”. O pseudônimo e o cariz dos escritos deixou curioso todo o público leitor, incluindo o próprio

redator, que declarou ser movido não só por simples curiosidade, e sim por ser um “grande farejador de bons talentos litterarios”¹, como afirmaria depois ao fazer a biografia de Peregrina que escreveu na *Revista Contemporânea*, em 1861. Biografia essa escrita com base na correspondência, ainda inédita, entre os dois escritores, e que trata de dos assuntos mais mezinhos, como o recebimento de um doce de goiaba até discussões sobre literatura.

Desde muito jovem Castilho esteve ligado a mulheres fortes, como Francisca Possolo da Costa e a Marquesa de Alorna, as quais facilitaram em muito sua inserção no universo literário, em especial ao da escrita a feminina. O aprendizado com essas mulheres fez com que, e é o que efetivamente acreditamos, Castilho adquirisse um alto grau de sensibilidade, a ponto de reconhecer, logo nas primeiras publicações da “Obscura Portuense”, a voz de uma mulher:

Bati mato; dispuz laços; amiudei reclamos, ajudou-me a fortuna. Depois de muito escapar-se-me d’entre as mãos, como as sombras nos Elysios, que obstinadamente se esquivavam á luz do mundo, apprehendi a final, mau grado seu, o formoso espirito, cujo mysterio me desatinava. Homem o haviam suspeitado muitos; que era dama apostava eu; e ganhei. Não podia deixar de ser: nós outros podemos arremedar a simplicidade amavel; tão nativa e genuina só ellas possuem².

Uma vez descoberta a identidade, coube a Castilho manter segredo pelo tempo em que escreveu para a *RUL* sobre aquela que tinha “trabalhado, estudado, e produzido, sem ambição”³, mas enfim, o nome de Maria Peregrina de Sousa⁴ (1809 – 1886) foi revelado. E esse fato serviu como mais uma alavanca no caminho “profissional” da escritora.

Em viagem ao norte de Portugal, Castilho conheceu Peregrina e sua família, dando início a uma amizade que perduraria por toda a vida. Ele um autor reconhecido, e ela uma jovem que teve sua mocidade abalada pelos problemas econômicos do pai comerciante. Este também foi soldado e participou da guerra contra os liberais, ainda que a contragosto, segundo ressalta Peregrina. Por não querer mais lutar e, desse modo, desobedecer às ordens das tropas miguelistas, foi punido com a prisão. A mãe morreu enquanto o pai estava preso.

¹ CASTILHO, 1861, p.273.

² CASTILHO, 1861, p. 274.

³ CASTILHO, 1861, p.274.

⁴Nasceu com o nome de Maria de Sousa, recebendo o acréscimo de Peregrina por seu tio, em função do muito que sua família teve que se mudar pelos arredores do Porto quando da invasão francesa em Portugal.

No romper da juventude, Maria Peregrina teve uma grande decepção amorosa. Isso contribuiu para sua decisão de viver no campo juntamente com sua irmã⁵. Foi, em meio às turbulências da vida, que Peregrina deu início aos seus escritos, e o seu primeiro poema foi enviado ao *Archivo Pitoresco*. Em seguida, passou a publicar na *Revista Universal Lisbonense*, com o pseudônimo de “Uma Obscura Portuense”. Tratava-se de uma série de escritos sobre crenças e superstições do Minho.

Peregrina nasceu em um tempo que havia muita dificuldade de uma moça ter acesso às letras e às artes. A dança e a leitura eram permitidas com moderação, sempre com censura prévia da mãe. O aprendizado de outras línguas também era coibido, e Maria Peregrina teve acesso ao estudo do francês, também supervisionado pela família.

A amizade entre os dois escritores foi alentada pela imensa troca de correspondência. Castilho conhecia as angústias da jovem portuense, sabia das limitações físicas dela, mas nunca duvidou do seu potencial. Ele a apoiou e impulsionou a carreira da “Obscura Portuense”. Quando estava para deixar a redação da *Revista Universal Lisbonense*, Castilho cuidou para que saíssem publicações nos últimos números:

Hontem sahiu o ultimo numero da minha Revista, e felizmente pude incorporar neste 3 artigos de V. Ex^a. Aproveito esta primeira hora de liberdade para repetir a V. Ex^a meus agradecimentos pela poderosissima collaboração que em V.Ex^a achei constantemente e que eu não deixarei de solicitar para qualquer jornal que eu redija, se jornaes tornar a redigir, o que Deus não permita.⁶

Com o reconhecimento de que escrevia tão boa obra, Castilho tinha certeza que Peregrina seria assediada por outros jornais, e para isso pedia que, antecipadamente, a amiga enviasse os títulos e assuntos para publicação na *Restauração*, sob a direção de José Feliciano de Castilho.

Castilho incentivou Maria Peregrina a escrever sobre assuntos mais populares e folclóricos e fez com que ela acedesse ao rol das boas escritoras portuguesas de seu tempo. Foi a influência de Castilho que levou Peregrina a

⁵Esses dados biográficos foram informados pela própria autora a Castilho, que os publicou na *Revista Contemporânea*.

⁶Coleção Castilho ANTT, Cx 21 Mc 2 n.1.

publicar no periódico *Iris*, do Rio de Janeiro, cujo redator era José Feliciano de Castilho, o mesmo da *Restauração*.

A sua estreia no *Iris* se deu a primeiro de março de 1848, e mereceu, parte do redator, José Feliciano, a seguinte nota de apresentação:

Devemos a uma pena mimosa um número assaz avultado de importantes escriptos não publicados, mas a que daremos a vulgarização que merecem, não só por seu real valor, mas por serem de uma dama. Muito há que os literatos conhecem e saboreiam as produções da – *Obscura portuense* – na revista *Universal Lisbonense*, e da – *Mariposa* – na *Restauração*, jornaes ambos de Lisboa. Taes são os pseudônimos, com que até hoje se tem incoberto a sra. *D. Maria Peregrina de Sousa Monteiro*, joven escriptora da aldeia de *Moreira*, junto á cidade do *Porto*. A benevolência, com que nos-honra, nos-afiança antecipadamente generoso perdão da ousadia com que assim levantamos a máscara, com que a cobria descabida severidade para comigo mesma. Só resta acrescentar que quase todas quantas obras a sra. *D. Maria Peregrina* tem até hoje dado á luz, são em prosa; sendo estas lendas os primeiros versos seus, que sahem do círculo intimo de suas amigas⁷.

Podemos destacar na apresentação de José Feliciano alguns pontos, tais como a cidade natal da escritora, os seus pseudônimos, os jornais nos quais colaborou, e ainda a forma em prosa como até então eram conhecidos os seus escritos. Entretanto, convém grifar a primeira frase: “Devemos a uma pena mimosa um número assaz avultado de importantes escriptos não publicados, mas a que daremos a vulgarização que merecem, não só por seu real valor, mas por serem de uma dama”⁸. A qualidade e o potencial de Maria Peregrina estavam aliados, segundo José Feliciano, ao fato de se ter no periódico a participação de uma mulher. É, portanto, o reconhecimento de uma escrita feminina.

Pensamos que José Feliciano, assim como seu irmão António, já havia compreendido a importância como autora de Peregrina, e outras tantas escritoras. Sobretudo se tivermos como base o diz Vanda Anastácio em seu artigo *O que é uma autora? Reflexões sobre a presença feminina no campo cultural luso-brasileiro antes de 1822*, no qual partindo de um estudo comparativo de Pierre Bourdieu e Roger Chartier sobre o que é um autor, chegou a ideia de que:

Um autor é todo aquele que numa determinada sociedade é considerado como tal, num momento dado, independentemente da sua relação com a imprensa e com o mercado livreiro, ou da dimensão numérica do seu público leitor.⁹

⁷ *Iris*, 1948, p. 33.

⁸ *Iris*, 1848, p. 33.

⁹ ANASTÁCIO, 2011, p. 217.

O fato é que as mulheres no oitocentos atingiram o *status quo* de escritora, sem, contudo, conflitar com a figura masculina canonizada nos espaços sociais e culturais, e detentora do poder econômico e de escolha. A forma discreta assumida pelas mulheres permitiu-lhes “assumir posturas ideológicas e intervir, de modo discreto, mas eficaz, a nível político, jogando com artifícios autorais como pseudônimos ou as iniciais, que ocultavam a sua verdadeira identidade do público, mas eram decifráveis por leitores privilegiados”¹⁰.

Vista então como uma autora, Maria Peregrina escreve no *Iris*, sob a assinatura de D. Maria Peregrina de Sousa Monteiro, algumas chácaras e pequenos contos. O pseudônimo de Mariposa dará o tom também a pequenos contos. Mariposa, aliás, foi o nome dado por Peregrina a um de seus romances que, até onde temos pesquisado, não veio à lume no ano de 1845, época em que foi escrito, nem tampouco em anos posteriores.

O poema inaugural de Peregrina no *Iris* foi “A Moura de Lissibone”. Trata da história de uma jovem moura muito bela e filha do alcaide da cidade. A sua beleza fez muitos jovens, com coração partido, chorarem por ela, principalmente o jovem Cid-Achim, que largou sua terra natal na busca de conquistar o coração da moça. Por um infortúnio político o pai da moura é perseguido e essa deixa a cidade com Cid-Achim, que promete cuidar da amada. Entretanto, a jovem é capturada pelos lusos:

Era a moura do castello,
Era a mimosa e coitada,
Do alcaide da cidade
Misera filha adorada:
Fôra, após lucta cruenta,
Dos lusos aprisionada.

Cid-Achim, ferido, exausto,
Vendo os seus desbaratados,
Vendo os olhos da sua alma
Já da sua alma arrancados,
Divaga como insensato
Bradando por seos soldados:

- “Sus! á guerra! ao campo! á guerra!”
Nem um mais o-pode ouvir,
Que o medo lhe empresta as azas
Com que ao longe os-vês fugir...
Então taciturno e quedo,

¹⁰ ANASTÁCIO, 2011, p. 219.

Resolve a amada seguir¹¹.

O Cid se oferece ao lusitano em troca da bela moura, e ela reconhece e se encanta pelo amor do seu guardião, o mesmo que morrerá pela filha do alcaide. Um poema construído como um conto de cavalaria, aponta, uma jovem moura que desfrutava de sua beleza, tendo cavaleiros aos seus pés, sem ser sensível aos sentimentos dos outros. A voz de Peregrina aparece no poema em uma crítica á lisbonense por ela desconsiderar o cortejo de tantos rapazes, afinal só percebendo o Cid-Achim em um a situação de vida ou de morte.

A primeira publicação no *Íris* com o pseudônimo de Mariposa leva o título de “O passeio do Cemitério em vão”. O conto relata alguém que passeava por um cemitério e, lendo os epitáfios, descreve a possível vida daquele que descansava nas campas. O dado imprevisível fica para o final quando descobrimos que o narrador é o autor do conto, metamorfoseado em uma mariposa.

Se os ricos se-lamentam, que admira que os pobres o-façam? Disse eu com as minhas pequenas asas. Deus seja louvado, que não me fez um d'esses entes humanos, que padecem porque são loucos, porque outros os-opprimem, porque são pobres, ou porque são muito ricos: antes ser, como sou, uma humilde MARIPOSA¹².

Um primeiro olhar lançado sobre as publicações de Maria Peregrina no *Íris* já nos permite dizer que as superstições do Minho levam a sua assinatura, e os contos de natureza mais jocosa são de autoria de Mariposa. Entretanto, é possível perceber que a escrita de Peregrina está intimamente ligada às relações sociais e interpessoais. E deve-se sublinhar que A primeira metade do século XIX assiste a grandes e violentas mudanças, iniciadas com as invasões, resultado das guerras peninsulares, avançando para a Revolução Liberal, conhecida como período do Vintismo. Em 1822, foi aprovada a Constituição, expressando os princípios claros do liberalismo, como a igualdade perante a lei, a justiça fiscal, independentemente de classe social.

A nação portuguesa era formada por Cortes, e seus participantes eram escolhidos pelo sufrágio censitário.¹³. Não é possível perder de vista que a escolha de um representante legal era manipulada, é só pensar que, no

¹¹ *ÍRIS*, 1848, p. 34.

¹² *ÍRIS*, 1848, p. 333.

¹³ O sufrágio censitário é a concessão do direito do voto apenas aqueles cidadãos que atendem certos critérios de condição social e econômica satisfatórias.

momento, a sociedade ainda era despolitizada e de baixo nível cultural, sendo, com certeza, manipulada. Os jornais da época dão conta de toda violência, traição, roubo e violação que ocorriam nas eleições. Os conflitos eram gerados pelos oponentes em suas eleições, e às vezes também pelo governo, inviabilizando a legalidade das eleições atribuídas nas teorias políticas. Maria de Fátima Bonifácio afirma que o período que antecede à Regeneração¹⁴ é “A guerra de todos contra todos”¹⁵:

Ora, neste período parece-me serem, sobretudo as naturais e inevitáveis deficiências do sistema político global que provocam a insanável agudização dos conflitos. Entre essas deficiências avulta a incipiência ou até a inexistência do que se possa como propriedade chamar um sistema partidário vocacionado para *proiri* seu turno, se alimenta a “guerra de todos contra todos”¹⁶.

O conceito de liberdade passa a ter uma nova valorização quando da introdução do liberalismo em Portugal na primeira metade do século XIX. Neste tempo, a violência marcava a vida não apenas dos que lutavam por liberdade, mas também daqueles que dependiam de acesso social, como garantia de melhora em suas qualidades de vida.

Peregrina passou por todo esse processo político, somando ainda o desgosto amoroso e a opção de levar vida simples e reclusa no campo. A escritora opta, então, por abordar os desvelos (ou a falta dele) nos relacionamentos amorosos. Os afetos são malfadados, como no caso de “Ricardo e Margarida”¹⁷, conto no qual Ricardo ama Margarida, irmã do seu amigo Francisco, que se tornou assassino. Logo a família de Margarida caiu em desgraça, e o pai de Ricardo proíbe o filho de ter qualquer contato com a moça. Não resistindo, na volta de uma viagem passa Ricardo pela casa de Margarida e descobre que seus pais morreram de desgosto, e ela, coitada, enlouqueceu. Ora, se o amor é impossível, a loucura é a única possibilidade para o seu fim, a que Roland Barthes em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977) define como “catástrofe” – “uma crise violenta no decorrer da qual o sujeito, sentindo a situação amorosa como um impasse definitivo, uma armadilha da qual nunca

¹⁴ A Regeneração corresponde ao período da Monarquia Constitucional iniciada na queda do governo de Costa Cabral até a Revolta da Janeirinha, em 1868.

¹⁵ BONIFÁCIO, 1992, p.91.

¹⁶ BONIFÁCIO, 1992, p.134.

¹⁷ *Íris*, 1848, p 208-210.

poderá sair, se vê fadado a uma destruição total de si mesmo”¹⁸. Destruição essa que pode muito bem ser do outro.

A imaginação da escritora do Minho não tem fim. Muito há que se pesquisar e analisar na obra de Maria Peregrina de Sousa, mas não é um trabalho fácil, pois partimos de uma ausência e de um esquecimento das escritoras do século XIX. Essas não estão presentes nas histórias da literatura e nem em muitos dicionários. O trabalho de análise da obra de Peregrina requer muito cuidado, primeiro para catalogar toda a sua publicação, dispersa em periódicos de Portugal e do Brasil.

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Vanda. “O que é uma autora? Reflexões sobre a presença feminina no campo cultural luso-brasileiro antes de 1822”. In: *A Matraga*. Rio de Janeiro: UERJ, 2012, p. 215-224.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves e Editora, 1977.

BONIFÁCIO, Maria de Fátima. “A Guerra de todos contra todos’ (ensaio sobre a instabilidade política antes da Regeneração)”. In *Análise Social*. Vol. XXVII (115), 1992 (1º), 91-134.

Íris periódico de religião, belas artes, sciencia, letras, historia, poesia, romance, noticias e variedades. Riode Janeiro, Volumes I, 1848.

Íris periódico de religião, belas artes, sciencia, letras, historia, poesia, romance, noticias e variedades. Rio de Janeiro, Volumes II, 1849.

Revista Contemporanea de Portugal e Brazil. Terceiro anno. Lisboa: Escriptorio da Revista Contemporanea de Portugal e Brazil, 1861.

Ana Cristina Comandulli é doutora em Literatura Comparada - Estudos de Literatura pela UFF (2014), com tese intitulada *Presença De A.F. De Castilho Nas Letras Oitocentistas Portuguesas: Sociabilidades E Difusão Da Escrita Feminina*; membro do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura, onde desenvolve pesquisa sobre impressos oitocentistas luso-brasileiros e literatura portuguesa oitocentista. Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. E-mail: ana.comandulli@gmail.com

¹⁸ BARTHES, 1977, p. 34.